

TÍTULO: O ASSÉDIO SEXUAL INVERTIDO: Um estudo das interfaces sexo e poder no gerenciamento empresarial sob a perspectiva da questão de gênero.

Por Regina Meira Aguiar¹ e Maria da Penha Almeida Prado².

RESUMO: Esse texto é uma síntese da pesquisa que as autoras desenvolveram, durante um ano, no grupo de estudos das possíveis interconexões entre os campos Mulher & Capital. Procuraram buscar respostas teóricas nos campos da psicologia e da sociologia e das interfaces entre gênero, poder e sexo nas empresas. Buscam compreender por meio de uma pesquisa empírica o assédio sexual feminino nas empresas, bem como o novo papel que a mulher executa na sociedade atual: o gerenciamento das organizações empresariais.

PALAVRAS CHAVES: Feminilização do gerenciamento empresarial, poder e sexo e gênero.

INTRODUÇÃO.

Se for verdade o que Durkheim³ nos legou: a família é a principal *célula* de reprodução da sociedade e, que é nela que aprendemos os principais valores que nortearão nossa conduta. E, se é verdade que a mulher é o principal esteio da família, o estudo das questões de gênero interessa a todos aqueles que se preocupam com o futuro da sociedade. Hoje verificamos uma mudança estrutural na família: divórcios, coabitação e fertilidade em uniões sem casamento, famílias mono parentais femininas, relacionamentos afetivos de curta duração, bem como, entre faixas etárias muito distantes. Se, essas tendências continuarem a se expandir no mundo, e tudo indica que continuarão as famílias, tal como conhecemos, tornar-se-á uma relíquia histórica num futuro não muito distante.

Tais fenômenos ocorrem com maior frequência nas regiões onde as mulheres gozam de independência econômica advinda da inserção no mercado de trabalho remunerado. Quanto mais alto o poder aquisitivo dessas mulheres maior a facilidade para a manutenção da casa, dos filhos e de seus companheiros, sendo livres para livrar-se deles quando bem lhes apetece e com o poder suficiente para enfrentar os homens em igualdade de condições.

As mulheres não estão sendo relegadas a realizar serviços que exijam menor especialização: são empregadas em todos os níveis da estrutura empresarial e o crescimento do número de cargos ocupados por mulheres é maior na camada superior das organizações, bem verdade que por salários menores que dos homens para a mesma função. Castells (2002) nos explica que as mulheres que pertencem às categorias profissionais liberais/técnicas e administrativo-gerenciais evoluíram mais rapidamente do que as outras embora o maior entre os grupos de mulheres inseridas no mercado de trabalho ainda sejam das empregadas em escritórios.

Compreendemos que o tema seja relevante para um trabalho teórico e científico, pois, as relações de gênero estruturam o conjunto das relações sociais e, portanto, não existe uma oposição entre questão das mulheres - que seria específica - e questão da

¹ Socióloga pela USP, pos graduada pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo e mestra pela PUC/SP. Ministra aulas de Ética e Filosofia e Introdução as Ciências Sociais na FAEC.

² Pedagoga formada nas Faculdades Oswaldo Cruz. Orientadora Educacional e Mestra pela UNG. É orientadora educacional no colégio Nossa Senhora da Consolata. Ministra aulas em Psicologia da Educação no curso de Pedagogia e Psicologia aplicada à Administração de empresas na FAEC.

³ Émile Durkheim, inaugurador do pensamento sociológico, dava a família o poder de coerção social, ou seja, conformar as novas gerações aos papéis sociais que a sociedade definia para elas.

sociedade - que seria geral. Os mundos do trabalho, da política e da cultura também se organizam conforme a inserção de mulheres e homens, a partir de seus papéis masculinos e femininos. E, essas são as esferas do saber em ciências humanas.

O nosso interesse pelo tema surgiu por que trabalhamos no curso de Administração das Faculdades Oswaldo Cruz e percebemos ano após ano, um aumento substancial no número de mulheres que procuram o curso, como também o aumento do número de alunas que já trabalhavam em altos cargos nas empresa, ao ingressar no curso. E, em conversas informais, ou quando algum ponto do curso tocava nos relacionamentos afetivos no escritório, sobretudo, nas aulas de psicologia, tais alunas se referiam ao aumento do assédio de mulheres sobre seus companheiros homens. É claro que sempre se referiam *às outras* e nunca assim mesmas.

Quando resolvemos abraçar o projeto interdisciplinar e institucional e resolvemos propor aos alunos que quisessem aprender a fazer um trabalho teórico e científico em ciências humanas, não abrimos mão da questão de gênero, que é nosso interesse a longo tempo. E, não podíamos abrir mão do campo das organizações empresariais, que é o interesse da Instituição de Ensino, onde o projeto foi desenvolvido. Além disso, os reclamos das alunas sobre o assédio sexual as chefes, não largavam nossa mente. Afinal, somos de um tempo que isso era inimaginável. Foi assim que surgiu nosso tema: o assédio sexual invertido: quando ela é *o chefe*.

Nossa problemática para esse trabalho se resume nas seguintes questões: É possível haver assédio sexual de uma mulher sobre um homem? Há assédio sexual dos subalternos homens quando "*o chefe*" é uma mulher? E, a mulher quando chefia uma organização assedia sexualmente os subalternos homens?

Embora, historicamente só tenhamos conhecimento de muito poucos casos de assédio perpetrados contra homens, o assédio pode se dar tanto da mulher sobre o homem, como do homem sobre a mulher. Isso porque, o assédio sexual caracteriza-se por ameaça ou chantagem por parte de uma pessoa que têm uma posição de poder sobre a vítima, para obter gratificação sexual. É um tipo de violência⁴ que pode acontecer no trabalho.

Não é, portanto uma característica que os clássicos da psicologia atribuem à mulher. Ao contrário, as mulheres têm sido historicamente as grandes vítimas deste tipo de agressão. Contudo, notamos que hoje está ocorrendo o fenômeno inverso e, é isso que queremos colocar em discussão aqui. E, aquele que ocorre no cotidiano das empresas. Aquele tipo em que os/as detentores do poder, assediam o/a subalterno/a com um convite, uma cantada, que se não é aceita passa a ser motivo de chantagem e ameaças, tais como: a perda do emprego, o não acesso a um trabalho, a perda de uma promoção, uma transferência-castigo.

Nossa hipótese é que, como somos seres sociais e temos necessidade de representar a realidade, é possível que as mulheres que hoje estão empregadas nos altos níveis da hierarquia das organizações não têm modelo feminino de comportamento que estructure valores e oriente sua conduta na posição de chefe. Como são poucas as mulheres elas se espelham no modelo mais próximo: o chefe homem. Isto, é as mulheres que assumem

⁴ Chamamos de violência sexual forçar um contato mais íntimo sem que a pessoa queira ou deixe, ou seja, quando é utilizada força física ou pressão psicológica para um contato sexual.

tais cargos aprendem no cotidiano, qual o tipo de conduta que é esperada na condução do trabalho – ética de Weber- e o fazem na relação social com os outros chefes, quase em sua totalidade, homens. Essa é a representação social⁵ que têm de conduta nas questões relacionadas do poder. Assim, a questão do assédio sexual na empresa capitalista, emana de quem detém o poder, pouco importando se homem ou mulher. Isso porque, sendo uma cultura fálica⁶ e o próprio uso do corpo *habitus*⁷ de classe, e por mimetismo e sublimariamente⁸, acaba por levar algumas mulheres que detém poder a desenvolver formas de conduta sexuais, semelhantes aos homens.

Para provar nossa hipótese, além da pesquisa teórica sobre gênero e poder, desenvolvemos uma pesquisa empírica num campo de 14 homens – estudantes de gestão financeira do Centro Tecnológico Oswaldo Cruz - quase todos gerentes de empresas do setor financeiro – e, 14 mulheres cursando diversas etapas do curso de Administração nas Faculdades Oswaldo Cruz, tendo como características comum o fato de serem *as chefes* nas organizações onde trabalham.

CAPÍTULO I – GÊNERO FEMININO E PODER

“O gênero é o conjunto de características e funções que uma cultura atribui aos indivíduos em virtude do sexo ao qual pertencem”. (...) Determina o que é ser mulher e como sê-lo, estão instituído no imaginário social e implantado de fora, estando construído, portanto, por enquanto, dentro das relações de dominação. (ALONSO, 2002:24-25)

A idéia de que existe uma construção social do ser mulher já estava desde as primeiras décadas do século XX nos trabalhos de filósofos e psicólogos europeus e, sobretudo, a partir do livro: “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir. Mas, permaneciam dificuldades teóricas sobre a origem da opressão das mulheres, sobre como inserir a visão da opressão das mulheres no conjunto das relações sociais, sobre a relação entre essa e outras opressões, como, por exemplo, a relação entre opressão das mulheres e capitalismo. Não existia um conceito que articulasse os vários campos em que se dá a opressão sobre as mulheres: trabalho, família, sexualidade, poder, identidade. Nesse sentido, o conceito de gênero veio possibilitar a compreensão desses impasses e permitir analisar tanto as relações de gênero quanto a construção da identidade de gênero em cada pessoa.

Para o estudo, compreensão e discussão teórica da mulher enquanto agente econômico, político e social e compreender que as práticas sociais, isto é, o pensar e agir dentro de uma determinada sociedade, difere segundo o sexo, o conceito de gênero é um instrumental excelente. Pois, explica que a construção das identidades masculinas e femininas não advém da natureza, mas é uma representação social. Algo construído historicamente e que, portanto, pode ser reelaborados no tempo e nas trocas culturais, tal como vem ocorrendo no atual estágio de desenvolvimento do capitalismo.

⁵ Representação – forma pela qual nossa razão apreende o mundo e confere significado às coisas.

Representação social – é a maneira que a sociedade em um determinado tempo e espaço *molda* (pela educação) a maneira pela qual nossa razão *deve* apreender o mundo e conferir significados às coisas.

⁶ Para maior compreensão da expressão que não cabe aqui, vide MURARO – Textos da Fogueira.

⁷ Conceito de BOURDIEU (obra cit), cuja explicação, apesar de ter sido exaustivamente estudado, não cabe aqui.

⁸ Mensagem subliminar é aquela que entra em nosso cérebro abaixo do limiar da percepção consciente. Vide BRYAN, Wilson. A Era da Manipulação. 2ª edição – São Paulo. Ed. Scritta, 1993.

O conceito de gênero serve também para desvelar *a naturalidade* do mito de que a maternidade é vista pelas mulheres como seu principal papel social. Tal mito atribui à mulher além do cuidado da casa e dos filhos, a tarefa de guardiã do afeto e da moral na família. Portanto, ela deve ser meiga, atenciosa, maternal, frágil, dengosa e sempre viver para e com um homem. Na nossa sociedade, são consideradas características femininas: fragilidade, sensibilidade, meiguice, passividade, cooperatividade, meticulosidade, maior preocupação com os problemas familiares e menor preocupação com a promoção profissional. Ela é uma pessoa que deve sentir-se realizada em casa. O mito correlato é aquele que descreve o homem com a função de ser o provedor, isto é, trabalhar fora de casa, trazer o sustento para a família, realizar-se fora de casa, no espaço público. O que se espera dele, é que tenha força, iniciativa, objetividade, coragem, racionalidade, competitividade, preocupação com a carreira profissional. E, a mínima participação nos problemas familiares.

No que se refere às relações de gênero, da forma como estão configuradas na nossa sociedade, apesar dos avanços observados nas últimas décadas, a representação social predominante imagina a mulher numa situação de subordinação, porque as diferenças, biológicas são transformadas em desigualdades. A construção social dos gêneros tem uma base material que se expressa na divisão sexual do trabalho.

*Não é a consciência dos homens que determina a sua existência, é, pelo contrário, a sua existência social que determina a sua consciência. (MARX & ENGELS)*⁹

Como a consciência na sociedade capitalista é estruturada no mundo do trabalho. Desde a infância vai sendo naturalizada em nós a desigualdade de gêneros, por meio da divisão sexual do trabalho e da educação. Dessa forma, tudo o que está relacionado à esfera do privado e da reprodução (cuidados com a casa e com a família) é considerado como trabalho feminino. Em contrapartida, a visão do homem como provedor ligando-o à esfera da produção e do público, o afasta da responsabilidade social para com o trabalho doméstico. Apesar da crescente participação feminina na População Economicamente Ativa (PEA), a mulher continua sobrecarregada, com um acúmulo de atividades, que a obriga a enfrentar, muitas vezes, dupla ou até tripla jornada de trabalho, para cumprir os papéis de mãe, dona de casa, esposa e profissional.

Se pretendermos construir uma sociedade realmente democrática, onde a igualdade entre mulheres e homens exista de fato e não apenas na lei. O “Artigo 5”, parágrafo 1, da Constituição diz que “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”. Mas, nas relações e práticas cotidianas, seja no trabalho, em casa, na política ou no lazer essa igualdade dificilmente ocorre. É preciso que estejamos atentos em promover uma prática educativa não discriminatória desde a primeira infância. A atenção a esse aspecto é fundamental, visto que as idéias e as práticas que constituem as relações de gênero estão firmemente enraizadas na sociedade em geral, e em cada indivíduo em particular, seja homem ou mulher.

Contudo, historicamente, onde há opressão, há também resistência. No que se refere às conquistas das mulheres não é diferente: elas foram obtidas como resultado dos questionamentos e lutas dos movimentos de mulheres no Brasil e em outros países.

⁹ Apud ROCHER, Guy. *Sociologia Geral* v.2 Lisboa, 1971: 138.

Há muito tempo, as mulheres lutam contra as diversas formas de violência, por meio da resistência e do questionamento dos códigos e práticas impostos pela sociedade. Tudo nos leva a crer que a utilização do poder dentro das organizações da maneira masculina seja mais uma das formas que as mulheres encontram para resistir à dominação masculina.

PODER

As relações de gênero são hierárquicas e de poder dos homens sobre as mulheres. Essas relações de poder são as primeiras vividas por todas as pessoas, uma vez que fazem parte do cotidiano de todas as famílias, e é com elas que aprendemos a representar o mundo. Ou seja, a relação das pessoas com o mundo se inicia a partir dessas relações de poder e se reproduz no conjunto da sociedade e das instituições.

Tais relações são, portanto, instituídas nas relações familiares e no campo da sexualidade. A realidade nos mostra que nem sempre a vivência da sexualidade é totalmente definida por essas normas. Existe certa independência da sexualidade em relação às identidades e papéis de gênero. A sexualidade tem a ver com desejo e prazer. Dentro da sociedade ocidental só é possível vivenciar o prazer, sobretudo, para as mulheres, se for para reforçar seu papel sexual ¹⁰ tradicional.

O primeiro estudo sobre a sexualidade das mulheres foi “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” de Freud, escrito em 1905. Neste texto Freud, diz que só existe uma libido: a masculina. Será nas polaridades criadas pelos movimentos opostos da libido que ele encontrará as possibilidades de diferenciar o masculino do feminino. Uma dessas polaridades é a passividade – atividade, polaridade que, durante muito tempo assumirá para Freud, o lugar da diferença dos sexos. Porém, numa conferência em 1933, ele afirma que há motivos suficientes para perceber que esta divisão não leva a especificar a sexualidade feminina. Apenas, opõem as características do “sadismo dos homens” (supostamente ativos) e o “masoquismo” exigido para os “cuidados maternos” das mulheres (supostamente passivas). Assim, para o autor, é necessário levar em consideração que são as normas sociais que forçam as mulheres a situações passivas.

Outros autores, da escola freudiana, desenvolverão seus trabalhos ao longo do século XX, ao redor do impasse criado pela afirmação freudiana de libido única. Esse desenvolvimento científico, ao longo do século, manterá os estudos sobre a sexualidade feminina, do ponto de vista falocêntrico, mas terá um deslocamento, sobretudo, com Jones (1927) do campo do sexo¹¹ para o campo do gozo. Jones chega o que foi considerado ridículo na época, postula a existência de uma libido especificamente feminina. Esse autor inaugura o pensamento sobre o feminino que se chama de linha da “concentricidade”.

¹⁰ É uma espécie de atribuições para cada sexo. São os atos que cada um pratica, é a sua maneira de proceder. É a expressão da identidade masculina e feminina. O que pode e o que não pode o que deve e o que não deve ser feito por homem e por mulher. É o desempenho pessoal mais a influência do meio. Papel sexual é uma forma de ser do homem ou da mulher. É o comportamento. É o que se percebe da identidade de cada um, como se fosse uma face externa, visível.

¹¹ Sexo é um todo que caracteriza as pessoas: na estrutura corporal, na maneira de sentir, no emocional, na maneira de gostar, isto é, no afetivo e no comportamento. O sexo é uma manifestação de vida e na conduta das pessoas. O sexo psicosssexual será elaborado pela educação recebida na família e na sociedade, e o comportamento adquirido varia com a época e o lugar em que se vive.

Como podemos perceber, para os teóricos da psicologia clássica, é muito difícil se pensar no assédio sexual feminino sobre os homens, uma vez que as mulheres lhes faltam não só o instrumento fático como e, principalmente, o caráter sádico-ativo que é próprio dos homens. Assim, deveremos procurar a explicação do assédio sexual invertido em outros campos do conhecimento.

Começemos por definir: *O assédio é um comportamento inoportuno ou indesejável de natureza sexual, ocorrendo sem permissão de uma das partes. Ou seja, o assédio sexual se diferencia da relação afetiva, da amizade, da paquera e da cantada porque nele não há reciprocidade. No nosso ponto de vista é a insistência, numa atitude que o outro não quer e recusa que nos permite avançar na definição do assédio sexual. Essa insistência marca uma relação de poder. (MURARO, 2001:64)*

Ora, se é para estudar a intersecção entre os campos de poder e sexualidade o maior expoente é Michel FOUCAULT. A análise que Foucault (1981) realiza, estuda o poder não como uma dominação global e centralizada, mas algo que se pluraliza e se difunde em outros setores da vida social de maneira pulverizada. O interessante desta análise é apontar justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. O Poder funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos aos quais ninguém pode escapar. Daí a idéia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existem de um lado os que têm poder e de outro aquele que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe. Existem sim, práticas ou relações de poder. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. E esse caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seu exercício não possam ser feitas de fora, pois nada está isento do poder.

A idéia básica de Foucault é de mostrar que as relações de poder não se passam fundamentalmente nem ao nível do direito, nem da violência, nem são basicamente contratuais, nem unicamente repressivas. O indivíduo é uma produção do poder e do saber. Não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reaproveitamento, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação do saber.

Sendo assim, estudar a interconexão entre poder e gênero, usando os argumentos puros de FOUCAULT é um trabalho muito extenso para provar nossa hipótese. Por isso vamos buscar em autores da sociologia um sentido mais geral. O como o poder pode referir-se a qualquer tipo de influência exercida por objetos, indivíduos ou grupos, mutuamente.

O conceito de poder é sociologicamente amorfo. Todas as qualidades imagináveis de uma pessoa e todas as espécies de constelações possíveis podem por alguém em condições de impor sua vontade, em uma situação dada. Por isso, o conceito sociológico de dominação deve ser mais preciso e só pode significar a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem (WEBER, 1999:33).

É o conceito Weberiano que melhor se aplica ao estudo que desenvolvemos aqui. Isso porque já na *Ética protestante e o Espírito do Capitalismo*, o autor dizia que “a

empresa é um imenso cosmos, no qual o individuo nasce, e que se apresenta a ele, pelo menos como individuo, como ordem de coisas inalterável, na qual ele deve viver”¹².

As recentes pesquisas sobre as relações de poder entre gerentes ou administradores estabelecem uma relação direta entre os padrões de dependência e a distribuição dos recursos necessários à realização das metas organizacionais. Em termos gerais, a distribuição do poder é determinada pelas dependências criadas pelo controle sobre os recursos necessários para a realização de metas individuais, grupais organizacionais, e os meios existentes para fugir a elas. Essa questão geral pode ser dividida em quatro aspectos subsidiários: as bases do poder, o volume do poder, as estratégias usadas para aumentar ou reduzir o volume de poder, e as relações entre a distribuição de poder e o ambiente.

Poder significa toda a probabilidade de impor sua vontade numa relação social, mesmo contra a resistência, seja qual for o fundamento dessa probabilidade. Dominação é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis. (WEBER, 1999:33)

As bases primárias do poder nas relações entre administradores é a autoridade, já que habitualmente consideram a obediência de seus superiores como legítimo, como condição necessária para a manutenção de suas relações com a organização. Portanto, na verdade se trata de uma dominação.

Por dominação compreenderemos aqui, uma situação de fato, em que uma vontade manifesta do ‘dominador’ ou dos ‘dominadores’ quer influenciar as ações de outras pessoas, e de fato as influencia de tal modo que estas ações, num grau socialmente relevante, se realizam como se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo do mandado a máxima de suas ações (obediência). (WEBER,, 1999:191)

Tal dominação se apresenta sob a forma de coação e influência. A coação surge quando os administradores obedecem a contragosto os desejos de outros, com medo de serem demitidos. Assim sendo, na grande empresa o volume de poder, numa determinada situação de dominação, variará com as metas das partes, suas respectivas localizações estruturais e a importância das metas individuais, grupais e coletivas.

Toda dominação manifesta-se e funciona como administração. Toda administração precisa, de alguma forma, de dominação, pois, para dirigi-la, é mister que certos poderes de mandos se encontrem nas mãos de alguém.. (WEBER,,1999:193)

A base e o volume de poder nas relações administrativas não são determinados apenas pelos fatores internos: essas relações são constantemente influenciadas pelas modificações no ambiente onde a organização está inserida.

O mandado pode ser cumprido por convicção de sua conformidade, por um sentimento de obrigação, e por medo, por ‘mero costumes ou por causa de vantagens pessoais. (WEBER, 1999:191)

As relações de dominação e subordinação, baseadas em grande parte sobre a influência, existe entre os trabalhadores. Pois, “a estrutura da dominação e seu desenvolvimento que moldam a ação social, constituem o primeiro impulso a

¹² WEBER, Max *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo* – São Paulo: Pioneira, 1997.

determinar, inequivocamente, sua orientação para um objetivo. (...) a grande empresa capitalista – a existência de ‘dominação’ desempenha papel decisivo. Como ocorre nas outras formas de poder, também e em especial na dominação, seus detentores não pretendem, exclusivamente e nem mesmo em regra, perseguir, apoiado nela, interesses puramente econômicos”. (WEBER, 1999:187)

As relações de poder entre administradores e seus subalternos manifesta um caráter de dominação. *Dominação, no sentido muito geral de poder, isto é, de possibilidade de impor ao comportamento de terceiros sua vontade própria, pode apresentar-se nas formas mais diversas. (...) Dois tipos possíveis de dominação. Por um lado, dominação em virtude de uma constelação de interesses (especialmente em virtude de uma situação de monopólio), e, por outro, a dominação em virtude de autoridade. (WEBER, 1999:188)*

Assim, a distribuição de papéis de trabalho e as decisões sobre os recursos para desempenho desses papéis é função primordialmente administrativa. A submissão dos subalternos ao quadro administrativo ocorre num contexto onde as principais decisões sobre a distribuição dos recursos necessários ao atendimento das metas pessoais, grupais e organizacionais são tomadas por aqueles que possuem alguma forma de domínio sobre o grupo de trabalhadores burocráticos da empresas. *Mas toda forma de dominação, em virtude de situação de interesses, particularmente em virtude de uma posição monopolizadora, pode transformar-se, gradualmente, numa dominação autoritária..(WEBER,1999:189.*

CAPÍTULO II – O GERENCIAMENTO EMPRESARIAL FEMININO: Ocorrências de assédio sexual.

O processo de incorporação da mulher à força de trabalho foi muito rápido no Brasil¹³. Em 40 anos, a participação das mulheres no total das ocupações passou de menos de 20% para 41%. Considerado o nível de instrução acima dos 11anos de escolaridade, este estrato representa 35, 1% do total das mulheres contra 24,6% dos homens. Portanto, ocorreu também, nos níveis de instrução e qualificação das mulheres. Estima-se em quase 20% por cento dos cargos de direção e gerenciamento das empresas. Contudo apenas 21,5% dos salários acima de 30 salários mínimos são de mulheres contra 78,5% para os homens. Embora seja crescente o numero de mulheres em postos de comando, elas ainda são a minoria. A pesquisa *Perfil Social, Racial e de gênero das 500 maiores Empresas do Brasil e Suas Ações Afirmativas*, realizada pelo instituto Ethos em 2003, mostra que a pirâmide ocupacional nas grandes organizações empresariais é extremamente excludente para as mulheres. Analisando o perfil das maiores empresas do país, a pesquisa revelou que a maioria, 58%, não tem mulheres nos seus cargos diretivos. Na media geral da amostra, apenas 9% dos cargos de direção são ocupadas por mulheres, um número pouco expressivo diante da participação feminina nessas empresas. A explicação para esse fato não reside no nível de escolaridade das brasileiras, mas sim nas barreiras invisíveis para a carreira das mulheres no mundo do trabalho.

Apesar de ser uma minoria no gerenciamento das empresas, é a primeira vez na história que se tem um contingente tão grande de mulheres que exercem o poder dentro

¹³ Dados estatísticos retirados do documento *O Compromisso das Empresas com a Valorização da Mulher* – São Paulo: Instituto Ethos,2004.

das organizações. Convém relembrar que as principais formas de discriminação contra a mulher hoje são indiretas e não-assumidas. Estruturam-se em práticas cotidianas, em idéias preconcebidas e em estereótipos que atribuem habilidades e competências de acordo com o sexo. Embora a maternidade seja valorizada pela sociedade e exista legislação de proteção às mulheres grávidas, na prática a possibilidade de engravidar, a gravidez e o cuidado com os filhos são os mais fortes motivos para a discriminação da mulher no mundo do trabalho. Frequentemente mulheres bem sucedidas profissionalmente, mas angustiadas com sua fragmentação nas condições de trabalhadora - mãe- esposa - mulher. Elas deixam de ser admitidas ou promovidas por causa da possibilidade de gestação. Pesquisa realizada no fim da década de 1990 entre mulheres que ocupavam cargos de gerência em indústrias de Belo Horizonte indicava que 47% não tinham filhos e dificilmente teriam, pois já estavam com mais de 40 anos.}

A taxa de Fertilidade (nascimento por mulher em idade fértil) caiu de 5,2% em 1960, para 2,2. A expectativa de vida média das mulheres já ultrapassou 72 anos (64 para os homens) e, some-se a isso, o declínio significativo no número de casamentos e o aumento das separações judiciais. Nada menos de 70% das separações e divórcios entre as mulheres concentram-se na faixa de 25 a 45 anos. Todas essas mudanças, muito rápidas do ponto de vista histórico, alteraram a visão - de - mundo e o comportamento das mulheres. Essas quatro décadas de evolução e turbulências levaram algumas mulheres a adotar o feminismo americano cuja característica principal é o confronto aberto para solucionar o problema da desigualdade e mimetizar o comportamento dos homens, sobretudo em questões de dominação e poder.

A proporção de mulheres casadas há mais de cinco anos e que tem relações sexuais extraconjugais é hoje em dia, virtualmente a mesma que aquela dos homens. (GIDDENS: 1993:22)

A PESQUISA

Para a verificação se havia ou não o assédio sexual invertido, fizemos uma pequena pesquisa empírica. Numa amostragem de 14 homens e 14 mulheres. Todos em altos cargos em gerenciamento de empresas da cidade de São Paulo. As faixas etárias escolhida foi de 30 a 45 anos, isso porque é a considerada pelos psicólogos como aquela em que, ainda se tem sede de poder e se está submetido, porque não se desenvolveu a reflexão, as mensagens subliminares dos meios de comunicação e do em torno social. Esses homens e mulheres são universitários e tendo por origem os baixos substratos sociais, o que leva a supor que a sua competência profissional foi desenvolvida dentro das organizações e que o *habitus* do comportamento no trabalho tenha se desenvolvido dentro e por mimésis do ambiente de trabalho, no cotidiano da empresa tendo por modelo um chefe do sexo masculino.

Ao serem questionados se sabiam, ou tiveram notícias de assédio sexual de chefes mulheres sobre subordinados homens, aproximadamente 80% das mulheres disseram que não. Ao passo que o mesmo número de homens relatou que sim, sabiam ou tinham notícias do assédio sexual invertido. Podemos depreender daí que o assédio feminino ou é mais discreto, ou os homens têm vergonha de relatar devido à representação que tem de que um homem não pode negar sexo às mulheres, sob pena de sofrer estereótipos de homossexuais ou impotentes.

Com relação à pergunta se havia diferença, no grau ou na forma de violência, entre o assédio impetrado por mulheres sobre os homens e aqueles sofridos pela mulher por homens no ambiente de trabalho a resposta nos surpreendeu. Pois, cerca de 70%, tanto de homens como de mulheres respondeu que não havia quaisquer diferenças entre o assédio sexual masculino e feminino. Podemos compreender dessa resposta que a escola freudiana se enganou ao dizer que havia necessidade do falo para a violência sexual. Tudo nos leva a crer então que a violência é de caráter vexatório por submeter um outro ser humano ao ato sexual para manter ou ascender no campo do trabalho. E, isso ocorre independentemente do gênero.

Outra questão que nos intrigava era saber se havia indícios de que a mulher continua usando o artifício que as gerações anteriores – sem outra alternativa para, às vezes, a sobrevivência – utilizava para dominar os homens que detém o poder econômico sobre elas. Foi por isso que perguntamos também se sabiam, tinham visto ou sofrido o assédio sexual de subalternas sobre seus chefes homens. Nove das mulheres e *todos* os homens disseram que sim. O que pode nos levar a crer que, apesar de todas as conquistas do movimento feminista, ainda há muito que lutar. Lutar por uma educação que sensibilize as novas gerações de mulheres para ação libertária que uma competência profissional pode dar. Lutar, também, para que os meios de comunicação – quem educa de fato o povo brasileiro – deixem de divulgar essa visão estereotipada do que é ser mulher numa sociedade que privilegia a competência e a concorrência.

A novidade que trás a última questão é que, parece que os jovens assimilaram o comportamento de usufruir benefícios materiais dos que detém o poder via sexo, das mulheres. Uma vez que perguntamos, então, se sabiam, ouviram dizer ou sofreram (no caso das mulheres gestoras) o assédio sexual de subalternos homens sobre suas chefes mulheres, 90% das mulheres e 95% dos homens responderam que sim. Ora, estamos aqui num impasse que pode gerar uma mais profunda e ampla pesquisa e, reflexão. Se os homens responderam corretamente a pesquisa, pode-se supor que os homens fazem mais alarde de seus assédio, caso contrário, os homens não saberiam do assédio de outros homens. Será a certeza da impunidade? Ou será que os homens sabem bem deste tipo de assédio por que são eles mesmos executores de tal violência?

CONCLUSÃO

Vimos que, segundo FOUCAULT (1981), as instituições modernas nos fazem pagar um preço, o preço da repressão crescente, pelos benefícios que nos oferecem. Civilização significa disciplina e disciplina, por sua vez, implica controle interno de impulsos internos. O autor considerava que pertencer à sociedade burguesa é submeter-se ao “poder disciplinar”, que, produz “corpos dóceis”; controlados e regulados em suas atividades naturais pelo tempo que a sociedade institui como correto. Desse modo, o poder aparece como uma força de repressão. No entanto, do modo como Foucault passou a avaliá-lo, o poder é um fenômeno mobilizador e não apenas um fenômeno que estabelece limites. Por isso, o poder pode ser um instrumento para a produção do prazer, não se coloca apenas em oposição a ele.

O poder, por isso, pode ser um instrumento para a produção do prazer: não se coloca apenas em oposição a ele. A ‘sexualidade’ não deve ser compreendida somente como

um impulso que as forças sociais têm de conter. Mais que isso, ela é um ponto de transferência especialmente denso para relações de poder. (GIDDENS, 1993:28)

Desse modo, sexo nunca foi um assunto de que se falou ou se debateu em segredo na civilização moderna. Importante demais para a manutenção dos heterossexuais masculinos no poder social, político e econômico, foi sendo continuamente discutido e investigado. Os donos do poder no ocidente foram, inclusive, buscar em outras culturas por meio das artes novas formas de sensibilidade erótica. A sexualidade humana findou por se transformar em objeto de investigação científica na sociedade ocidental. O prazer erótico se transforma em “sexualidade” à medida que a sua investigação produz textos, manuais e estudos que ao serem publicados, permitem que se faça uma distinção entre a “sexualidade normal” de seus domínios patológicos.

A partir do século XIX, o campo da sexualidade humana se transforma num escopo de estudo, reflexão e pesquisa que vai desde as questões que envolvem a psiquiatria até aquelas que relacionam sexo e poder político. Vários deles se referiam às mulheres. A sexualidade feminina foi reconhecida pela ciência, mas, imediatamente reprimida e vista como a origem patológica da histeria. Muitos outros tratavam contexto do casamento e da família. O sexo no casamento deveria ser responsável e auto controlado. Não apenas limitado ao casamento, mas ordenado de modos distintos e específicos. A contracepção era desencorajada. Supunha-se que o controle da dimensão da família devesse emergir espontaneamente da busca disciplinar do prazer.

Aprendemos também com Foucault que, a “invenção” da sexualidade foi parte de alguns processos distintos desenvolvidos na formação e consolidação das instituições sociais modernas. A sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder, e não simplesmente um conjunto de estímulos biológicos que encontram ou não uma liberação direta. Mas, aprendemos também que saber é poder e como sabemos que é pelo saber que se desenvolve a competência que é um valor *sine qua non* para a ascensão ao poder nas empresas. Acontece que sabemos também que as mulheres estudam um maior número de anos que os homens, conforme foi desenvolvido acima. Logo, tudo nos leva a crer que o fato do aumento considerável de mulheres que estudam foi um fator importante de resistência silenciosa das mulheres, ao menos no Brasil.

Agora, já temos condições de provar nossa hipótese, conforme dissera Weber, a empresa capitalista nasce nas casas de moradia familiar dos burgueses. Ao se desligar fisicamente das casas e se situar espacialmente em lugares diferentes dos lares de seus donos a empresa leva consigo os tipos de relacionamento familiares burgueses que formam a cultura das empresas. Assim, as mudanças nas esferas sexuais, afetivas e familiares fazem refletir as mesmas mudanças no cotidiano das empresas. Portanto, para um rapaz criado por uma mãe solteira (ou descasada) que, volta e meia, lhe apresenta um ‘namorado’ da mesma idade que ele. Para tal rapaz, não haverá pejo nenhum o fato dele, ou um de seus colegas, assediar para melhorar o salário ou complementar o orçamento sua chefe da mesma idade e cultura de sua mãe.

Afinal, Hoje é comum uma mulher ter muitos amantes antes de assumir (e mesmo durante, assim como depois de terminar) um envolvimento sexual ‘sério’. Em um mundo de igualdade sexual crescente – ainda que tal igualdade esteja longe de ser completa – ambos os sexos são levados a realizar mudanças fundamentais em seus pontos de vista e em seu comportamento em relação um ao outro. (GIDDENS, 1993:16)

Quanto ao fato das mulheres hoje assediarem seus subalternos tanto quanto os homens; queremos lembrar que o assédio sexual é entre desiguais, não pela questão de gênero, mas porque um dos elementos da relação dispõe de poder sobre o outro. O que de fato é proposto no assédio sexual é uma relação sexual para evitar inconvenientes na relação de trabalho. O assédio é uma questão eminentemente organizacional, já que necessita da estrutura de poder para sustentar-se e ameaçar o outro. Ora, como vimos acima, está ocorrendo uma maior participação das mulheres nos altos escalões burocráticos, junte-se a isso a maior liberalização dos costumes e mais o resultado da pesquisas e podemos - ao menos provisoriamente - provar que há o assédio de mulheres de poder sobre seus subalternos.

Para nós, que militamos há décadas em defesa das mulheres, essa constatação é um pouco dolorida. Por estarem tão bem inseridas na sociedade capitalista que é eminentemente racional, era de se esperar que as mulheres fossem menos movidas pela paixão¹⁴ e mais racionais ao, finalmente, conquistarem algum tipo de poder. Contudo, *a racionalidade humana é sempre uma racionalidade possível, e não uma racionalidade desejável e perfeita. Uma racionalidade possível, ao seu turno, é a expressão histórica e, portanto, não despojada, e menos ainda despojável, de antíteses que jazem em seu interior. Tais antíteses são as nossas crenças e os artefatos culturais da civilização que dão significado, para o bem e para o mal, com erros e acertos, às nossas experimentações e experiências sensoriais, afetivas, estéticas e econômicas. Em suma, à nossa vida. (MURARO, 2001:40-41)*

Por fim, queremos relatar que ao iniciarmos a pesquisa pensávamos que havia muitos estudos sobre o assédio sexual dos chefes sobre as mulheres trabalhadoras. Iniciamos uma pesquisa no site do CAPES, onde é possível encontrar todas as teses defendidas nos últimos trinta anos nas universidades brasileiras. A idéia era nos informar quais seriam os tipos de questões que deveríamos propor aos nossos entrevistados. Isso, para poder *enxergar* nas relações de poder dentro das organizações. Uma vez que tínhamos de propor questões da esfera íntima, para os próprios atores da ação e isso exige um pouco de cuidado. Para nossa surpresa, só foram encontrados apenas dois trabalhos sobre assédio sexual nas empresas¹⁵. Quando pesquisar a questão do assédio sexual invertido, pensávamos que houvesse tantos estudos a respeito do assédio sobre as mulheres nos locais de trabalho, que não ficaria nem bem *chover no molhado* para uma pesquisa que, afinal, estava sendo conduzida por duas professoras universitárias. Como se percebe, o estudo e pesquisa sobre os assuntos que se referem à interconexão entre os campos gênero feminino e mundo do trabalho é um a imensa seara de pesquisa.

¹⁴ René DESCARTES Paixões da alma de 1649 dizia que *paixão é qualquer tipo de experiência que se faz em nossa alma de uma forma passiva. Paixão se contrapõe a ação. Ação intervenção da vontade. Paixão decorre de estímulos externos ou internos à própria alma. As paixões básicas para descartes são amor e ódio. Alegria e tristeza, a admiração e o desejo resultariam de sua combinação, modificação ou inversão. Para descartes podemos controlar a paixão que incomode.*

¹⁵ O assédio sexual na relação de emprego. PUC/SP – 2000 de Rodolfo Mário Pamplona e O assédio sexual nos locais de trabalho. UFRG de Silvia da Costa. Ambas defendidas na área do Direito.

Assim, esta pesquisa sobre a presença das mulheres na gestão e administração das empresas e a questão do assédio sexual invertido foi um grande desafio. Isso porque essas *são situações manifestações, casos de experiências que são vividos sem que se preste atenção a eles. Determinam um ambiente específico que a iniciativa intelectual não tem por hábito considerar como 'objeto' a estudar. (...) mesmo quando se está consciente do problema a dificuldade de delimitar seus contornos. Ele é proteiforme, fugidio, complexo. Suas manifestações são estruturalmente ambíguas; de um lado, na sua prática, são alternativas, anunciam que algo novo está nascendo; de outro, na sua verbalização, podem fazer referência às representações que têm a sua disposição, e que empregam sem se preocupar muito com a coerência.* (MAFFESOLI, 1996:302)

Portanto, fizemos o possível. Queremos agradecer a todos e a todas que participaram de nossa pesquisa empírica e ressaltar que muitos dados e reflexões foram deixados de fora para não alongar o texto. Mas, que estaremos à disposição para receber críticas e questões pertinente ao tema de nossa pesquisa, no dia 12 de novembro de 2004, a partir das 20h30min horas, na Faculdade de Administração, Economia e Ciências Contábeis Oswaldo Cruz.

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, Silvia Leonor *Figuras clinicas do feminino no mal-estar contemporâneo* - São Paulo: Editora Escuta 2002.
- BOURDIEU, Pierre *O Poder Simbólico* - Lisboa: Difel, 1989.
- CASTELLS, Manuel *O Poder da Identidade* - São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FOUCAULT, Michel *Microfísica do Poder* 2ª ed. - São Paulo: Edições do Graal, 1981.
- The History of Sexuality - 1981
- GIDDENS, Anthony *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas* - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- MAFFESOLI, Michel *No fundo das aparências* - Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MURARO, Rose - Marie *Textos da Fogueira* - Brasília: Letraviva, 2000
- (org) *Mulher, Gênero e Sociedade* - Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- WEBER, Marx *A ética protestante e o espírito do Capitalismo* - 12ª ed. - São Paulo: Pioneira, 1997.
- *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. - Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- Revista SEBRAE *Mulheres deixam sua marca no desenvolvimento do país*- Nº. 8-março/abril de 2003.